



**Interativa**

**Didática Geral**

**Professora conteudista:** Wanderlei Sérgio da Silva

---

# Sumário

## **Didática Geral**

1 INTRODUÇÃO .....	1
2 ASPECTOS CONCEITUAIS .....	2
2.1 Educação .....	3
2.2 Pedagogia .....	4
2.3 Didática .....	4
2.4 Ensino .....	5
2.5 Aprendizagem .....	5
2.6 Filosofia .....	6
3 A DIDÁTICA E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR .....	7
3.1 A prática educativa e a democratização da sociedade .....	9
4 A INSTITUIÇÃO ESCOLAR .....	11
5 PLANEJAMENTO DA AÇÃO DIDÁTICA .....	14
5.1 Tipos de planejamento em educação .....	16
5.2 O plano de aula .....	18
6 A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO .....	22
6.1 A importância do diálogo .....	24
6.2 A disciplina na sala de aula .....	25
7 TIPOS DE AULA E PROCEDIMENTOS DE ENSINO .....	29
7.1 Recursos didáticos .....	33
7.2 As novas tecnologias da educação e o papel do professor na sociedade digital .....	37
7.3 Temas transversais .....	40
8 AVALIAÇÃO .....	42
8.1 Técnicas e instrumentos de avaliação da aprendizagem .....	44



# Unidade I

5

## 1 INTRODUÇÃO

10 A didática é uma disciplina que se preocupa com o processo de ensino e aprendizagem. Estudar didática, por sua vez, significa ir além do acúmulo de conhecimento sobre técnicas que ajudam a desenvolver o processo. Significa, antes de tudo, desenvolver a capacidade de questionamento e de experimentação sobre esses procedimentos, aprender a refletir ao escolher entre as diversas alternativas de desenvolvimento da atividade docente.

20 É muito importante que você, futuro professor, tenha uma visão ampla e profunda do contexto em que se desenvolverá sua atividade profissional, ou seja, da escola e, principalmente, da sala de aula.

25 De início, serão apresentados aspectos conceituais básicos, quando você aprenderá a diferenciar termos como: educação, ensino, aprendizagem, didática, pedagogia e filosofia, termos que se entrelaçam por possuírem, em alguns casos, ligações profundas entre si, mas que apresentam significados diferentes.

30 Em seguida, será enfocada a importância da didática na formação profissional do professor, ou seja, na sua formação. Entre outros aspectos de interesse, será dada ênfase ao esclarecimento do compromisso social e ético que a profissão exige, o futuro papel que você deverá desempenhar na sociedade e no processo de ensino-aprendizagem de seus futuros alunos.

O objeto de estudo da didática é o processo de ensino-aprendizagem.



## 2.1 Educação

De início, é importante aprender e compreender o conceito de "Educação". De modo geral, o termo é uma manifestação da cultura e, sendo assim, depende do contexto histórico e social em que está inserido. Seus fins variam, portanto, com as épocas e as sociedades, no tempo e no espaço; mas, de qualquer modo, ela sempre contribui para a subsistência do grupo como tal. Trata-se de um termo abrangente, que pode ser entendido em dois sentidos:

- **sentido social:** ação que as gerações anteriores exercem sobre as gerações mais jovens, orientando sua conduta, transmitindo conhecimentos, normas, valores, crenças e costumes aceitos pelo grupo social do qual fazem parte. O termo origina-se do verbo latino **educare**, que significa, nesse sentido, criar, alimentar, ou seja, conceder algo a alguém;
- **sentido individual:** desenvolvimento das aptidões e capacidades de cada indivíduo, tendo em vista o aprimoramento da sua personalidade. O verbo **educare** – criar – nesse caso, expressa a estimulação e liberação de forças latentes.

Nos dois sentidos, a palavra está ligada ao aspecto formativo.

**"Educação" é um termo que apresenta um conceito extremamente amplo, muito mais do que o termo "ensino", ou seja, educar é muito mais do que ensinar.**

A educação pode se processar de forma assistemática ou sistemática, cujas características principais, segundo Piletti (2010), são as seguintes:

- forma **assistemática**: ocorre em sociedades muito simples, que apresentam acervo cultural rudimentar. Nesse contexto, crianças e jovens participam das atividades dos adultos e, pela experiência direta, aprendem as lendas, os mitos e as normas que regulam a conduta a ser seguida pelo grupo;
- forma **sistemática**: ocorre em sociedades com certo grau de complexidade, com acervo cultural suficientemente vasto, o que torna necessário sistematizar parte significativa desse patrimônio cultural para garantir sua transmissão às futuras gerações. É nesse contexto que surge a escola como instituição social, criada para educar e ensinar.

Escola, portanto, é um elemento da vida em sociedade que passou a ser importante à medida que as sociedades foram se tornando mais complexas, quando o desenvolvimento tecnológico promoveu aquisições culturais mais vastas.

## 2.2 Pedagogia

É o estudo sistemático da educação, ou seja, é a ciência e a arte da educação. Trata-se do espaço para reflexão sobre o ideal da educação e da formação humana em seus contextos mais gerais e completos. Possui inúmeras ligações com todos os demais termos aqui apresentados, o que reforça a necessidade de absoluta compreensão do seu significado.

## 2.3 Didática

Segundo PILETTI (2010), a didática é o ramo específico da pedagogia que tem como objetivo dirigir tecnicamente o ensino rumo à aprendizagem, ou seja, a didática é a parte da pedagogia que tem como objeto de estudo o ensino em sua relação com a aprendizagem.

A didática é um ramo da pedagogia. Estuda o ensino, enquanto a pedagogia estuda a educação.



No passado, a didática era dominada pela figura central do professor como sendo aquele que ensina, o detentor do conhecimento a ser passado para as gerações. No presente, projeta-se o aspecto correlativo da aprendizagem. O princípio básico deixa de ser a passividade e passa a ser a atividade do aluno.

Neste novo contexto, ensinar e aprender são, portanto, duas faces de uma mesma moeda. A didática não pode tratar do ensino sem considerar simultaneamente a aprendizagem, que é, inclusive, a finalidade da atividade em sala de aula. Didática é, então, o estudo da situação instrucional, isto é, do processo de ensino e aprendizagem, enfatizando a relação professor-aluno.

É importante que a pesquisa didática adapte os métodos e as técnicas de maneira a obter o máximo de resultado com o mínimo de esforço, o que refletirá um trabalho muito eficaz.

### 2.4 Ensino

É uma ação deliberada e organizada. A atividade pela qual o professor, por meio de métodos adequados, orienta a aprendizagem dos alunos. É o objeto principal da didática. Como já mencionado, ensinar e aprender são duas faces de uma mesma moeda. Assim, a didática não pode tratar do ensino sem considerar simultaneamente a aprendizagem, na verdade o ensino visa à aprendizagem.

### 2.5 Aprendizagem

Num primeiro momento, poderíamos descrever a aprendizagem como sendo "um processo de aquisição e assimilação, mais ou menos consciente, de novos padrões e formas de perceber, ser, pensar e agir." (Schmitz, 1982, p. 53). Mas a aprendizagem não é apenas um processo de aquisição de conhecimentos, conteúdos ou informações. Esses devem passar por um processo complexo que vise transformar as informações

recebidas, dando-lhes um caráter significativo para a vida das pessoas.

É importante observar, com relação aos tipos de aprendizagem, que não se aprende uma só coisa de cada vez, mas várias.

Segundo Claudino Piletti (2010, p.32), os tipos de aprendizagem são:

- aprendizagem motora - consiste na aprendizagem de habilidades motoras, verbais e gráficas;
- aprendizagem cognitiva - abrange a aquisição de informações e conhecimentos;
- aprendizagem afetiva ou emocional - diz respeito aos sentimentos e emoções;

No processo de ensino-aprendizagem o aluno é, ao mesmo tempo, objeto, sujeito e construtor do processo, enquanto o professor é o estimulador, orientador e facilitador, ou seja, é ele quem deve criar as condições para que o aluno adquira conhecimento e compreensão dos fatos.

## 2.6 Filosofia

É a reflexão sistemática sobre a concepção da vida e da existência do homem. Os sistemas de educação são baseados em concepções de homem e padrões sociais. São, desse modo, os aspectos filosóficos que dão à educação o seu sentido e os seus fins.

Uma doutrina pedagógica fundamenta-se numa teoria filosófica, ou seja, toda pedagogia supõe uma filosofia. O valor da nossa doutrina de educação depende da nossa concepção do homem e da vida. A **didática**, como parte da **pedagogia**, também está calcada numa concepção **filosófica**. Até o século

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

XIX, fundamentava-se exclusivamente na **filosofia**. No século passado, a **psicologia** atingiu o status de ciência. Assim, os aspectos filosóficos da **didática** passaram a fundamentar-se nas ciências do comportamento, em especial, na **psicologia** e na **biologia**.

Nesse aspecto, há uma relação direta entre filosofia e pedagogia. A filosofia, entendida como reflexão sistemática sobre a concepção da vida, e a pedagogia, como reflexão sistemática sobre o ideal da educação e da formação humana de uma sociedade. A didática, por sua vez, como parte integrante da pedagogia, também se baseia numa concepção de homem e sociedade, portanto, subordina-se a propósitos sociais, políticos e pedagógicos para a educação escolar, a serem estabelecidos em função da realidade social de cada povo.

### 3 A DIDÁTICA E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

A formação profissional do professor pode ser definida como um "processo pedagógico, intencional e organizado, de preparação teórico-científica e técnica do professor para dirigir competentemente o processo de ensino" (Haidt, 2002). Abrange, desse modo, ao menos duas dimensões:

- **formação teórico-científica:** inclui a formação acadêmica específica nas disciplinas em que o docente vai especializar-se e a formação pedagógica, que envolve conhecimentos de filosofia, sociologia, história da educação e da própria pedagogia, que contribuem para o esclarecimento do fenômeno educativo no contexto histórico-social;
- **formação técnico-prática:** visa à preparação específica para a docência, incluindo a didática, as metodologias específicas das matérias, a psicologia da educação, a pesquisa educacional, entre outras.

A formação profissional do professor envolve uma articulação entre a teoria e a prática pedagógica.

Outro aspecto a ser destacado diz respeito ao fato de a formação profissional do professor implicar uma contínua integração entre teoria e prática: a teoria vinculada aos problemas reais postos pela experiência prática e a ação prática sendo orientada teoricamente. Com base nesse entendimento, a didática é a disciplina que se caracteriza pela mediação entre as bases teórico-científicas da educação escolar e a prática docente. Ela opera como uma ponte de duas vias entre ambas (Libâneo, 2008).

Esse papel de síntese entre a teoria e a prática assegura a integração entre os fins e os meios da educação escolar e, em tais condições, a didática pode constituir-se em uma espécie de **teoria do ensino** (Haidt, 2002).

O objeto de estudo da didática é o processo de ensino e aprendizagem. Desse modo, ela busca descrever e explicar seus nexos e ligações. Investiga fatores codeterminantes desse processo, indica princípios, condições e meios de direção do ensino que são comuns ao ensino das diferentes disciplinas de conteúdo específico, tendo em vista a aprendizagem. É, pois, uma matéria de estudo que integra e articula conhecimentos teóricos e práticos obtidos nas disciplinas específicas de formação acadêmica, visando à formação integral do futuro docente (você), que, depois de formado, passará a exercer funções de extrema responsabilidade.

Seu trabalho como professor, no futuro, será preparar seus alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho, nas associações de classe, na vida cultural e política, enfim, em toda a sociedade. É uma atividade, portanto, fundamentalmente social, cuja característica principal é fazer a mediação entre o aluno e a sociedade, entre as condições de origem do aluno e a sua destinação na sociedade, papel que se cumpre ao prover condições que assegurem ao aluno a assimilação do conteúdo das matérias de estudo e a observação de posturas éticas (Libâneo, 2008 p. 47).

Nesse processo, os meios à sua disposição para executar a difícil tarefa são: o planejamento e desenvolvimento de suas aulas e a avaliação do processo de ensino. Ninguém pode dar o que não possui, portanto, é fundamental agir com ética sempre, tornando-se exemplo de conduta.

O sinal mais indicativo da responsabilidade do professor é o permanente empenho na educação de seus alunos, de modo que estes aprendam conhecimentos básicos, habilidades e normas de conduta, tendo em vista equipá-los para enfrentar os desafios da vida prática, seja no trabalho, na família ou em outro contexto, desde que se promova a democratização da sociedade. Quando o professor se posiciona ao lado dos interesses da população majoritária, ele se insere nessa luta pela democratização da sociedade.

### 3.1 A prática educativa e a democratização da sociedade

Entende-se como prática educativa o processo de fornecer aos indivíduos o conhecimento e as experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e a transformá-lo em função das necessidades da coletividade. Pode ocorrer em dois sentidos:

- **sentido amplo:** ocorre em várias instituições e atividades sociais decorrentes da organização de uma sociedade, da religião, dos costumes e outras formas de convivência humana;
- **sentido estrito:** ocorre em instituições escolares ou não, com finalidades explícitas de instrução e ensino mediante uma ação consciente, deliberada e planejada.

Na história da humanidade, a prática educativa sempre foi determinada pela estrutura social à qual estava subordinada. Essa estrutura de organização social decorre do processo de

O sinal que indica a responsabilidade do professor é o constante empenho pela educação de seus alunos.

existência dos homens em grupos sociais, ou seja, a história da humanidade, da sociedade e da sua vida se concretiza e se desenvolve na dinâmica das relações sociais. Com o tempo, foram surgindo na sociedade as desigualdades econômicas e de classe. A evolução desse processo se deu, sinteticamente, da seguinte maneira:

- **sociedades primitivas:** igual usufruto do trabalho comum;
- **sociedades escravistas:** os meios de trabalho e o próprio trabalhador passaram a ser propriedade do dono das terras;
- **sociedade feudal:** os servos eram obrigados a trabalhar gratuitamente nas terras do seu senhor ou pagar-lhe tributos;
- **sociedade capitalista:** ocorre a separação entre os proprietários dos meios de produção e os que vendem a sua força de trabalho.

Gradativamente, a sociedade vai se tornando desigual. A desigualdade entre os homens sempre determinou o acesso à cultura e à educação. Os meios de produção material, cultural e educativa são detidos pela classe dominante e colocados a serviço dos seus interesses, visando perpetuar a estrutura social. A educação que o trabalhador recebe visa prepará-lo para o trabalho físico e para atitudes conformistas, devendo ele contentar-se com a educação deficiente. A minoria dominante, assim, difunde sua concepção de mundo para justificar o sistema de relações sociais como se fosse representativo de todas as classes sociais, o que não corresponde à realidade.

Escolas, meios de comunicação de massa etc. repassam a ideologia dominante, às vezes passando ideias e valores que não condizem com a realidade social do grupo, fazendo-o crer na sua própria incompetência. Pessoas menos avisadas

acabam acreditando que a sociedade é boa, os indivíduos é que destoam.

Mas por que essa reflexão tão profunda? O que tem a ver com o assunto aqui tratado? Talvez você esteja se fazendo essas perguntas. A resposta é a seguinte: a prática educativa, a relação professor-aluno, os objetivos da educação, o trabalho docente e nossa percepção do aluno são carregados de significados sociais que se constituem na dinâmica das relações entre classes, raças, grupos religiosos, homens e mulheres, jovens e adultos etc. (Piletti, 2010).

Você, como futuro educador, tendo em vista a formação integral de pessoas que vivem em contextos sociais diversos, deve tentar descobrir as relações sociais reais implicadas em cada acontecimento da vida, da profissão, da matéria que ensina, do discurso, dos meios de comunicação de massa, das relações familiares e de trabalho de seus futuros alunos (Libâneo, 2008).

O discurso atual dos educadores do Brasil clama pela melhoria da qualidade da educação oferecida nas escolas públicas de educação básica. Pois bem, quanto mais se diversificam as formas de educação extraescolar e se refinam os meios de difusão da ideologia dominante, tanto mais a educação escolar, a prática educativa e a boa formação de professores adquirem importância, principalmente para as classes menos privilegiadas da sociedade (Libâneo, 2008).

### 4 A INSTITUIÇÃO ESCOLAR

A escola surgiu historicamente como fruto da necessidade de se preservar e reproduzir a cultura e os conhecimentos da humanidade, crenças, valores e conquistas sociais, concepções de vida e de mundo. Ela acompanhou e se modernizou à medida que foi capaz de se tornar um instrumento poderoso na produção de novos valores e crenças.

A instituição escolar é, para os alunos, antes de tudo, um local de encontros existenciais, de vivência das relações humanas e de veiculação e intercâmbio de valores e princípios de vida. Não raro, quando adultos, esquecemo-nos de muito do que havíamos aprendido quando éramos crianças, mas o clima daqueles dias do colégio jamais sai de nossas mentes.

Libâneo (2008) defende que o processo educativo que se desenvolve na escola pela instrução e ensino, consiste na assimilação de conhecimentos e experiências acumulados pelas gerações. A escola pela qual devemos lutar visa ao desenvolvimento científico e cultural do povo, preparando as crianças e jovens para a vida, para o trabalho, para a cidadania, através da educação geral, intelectual e profissional.

À medida que a escola se organiza com atividades que facilitem o crescimento e o desenvolvimento nas várias dimensões do ser humano, ela se torna algo vivo, dinâmico, interessante, questionador e acima de tudo motivador.

A escola é um espaço aberto que deve favorecer e estimular a presença, o estudo e o enfrentamento de tudo o que constitui a vida do aluno: de suas ideias, crenças e valores; de suas relações no bairro, cidade e país; de seu grupo de amigos, lazer e diversão; do trabalho dos pais e conhecidos; de sua profissão ou futura profissão.<sup>1</sup>

Há diversos departamentos nos quais você deverá conviver no exercício da sua profissão (diretoria, secretaria, coordenação, salas-ambiente, biblioteca, sala de informática, laboratórios etc.), mas o mais importante, e que será aqui destacado, é a sala de aula.

Assim, a sala de aula é um espaço de convivência, onde cada aluno tem seu modo de viver, brincar, estudar e de se relacionar.

<sup>1</sup> Disponível em: <[1.cutter.unicamp.br/document/?down=20764](http://1.cutter.unicamp.br/document/?down=20764)>



Se o contexto da instituição escolar for baseado na escola tradicional, a sala de aula deve ser vista por você como um "quartel general" para a busca da aprendizagem, no sentido de organização física, que deve ser apropriada para favorecer a utilização dos métodos mais adequados para o ensino.

A sala de aula é o lugar em que a aprendizagem é apenas organizada de modo a tornar-se livre em outros ambientes, assim, requer-se que o professor possa ver todos os alunos e que os alunos possam ver o professor e a lousa.

Todos os alunos, nesse tipo de escola, desenvolvem a mesma atividade ao mesmo tempo. Isso requer salas de aula idênticas, com condições aceitáveis de luminosidade e acústica suficiente.

Por outro lado, caso a escola seja do tipo "ativa", baseada em técnicas didáticas modernas que visam promover o aluno ativamente e não como um ser passivo, os alunos deverão desenvolver atividades diferentes, agrupando-se de forma diversa e escolhendo o espaço mais adequado para cada tipo de trabalho. Nesse caso, requer-se uma organização diferente da sala de aula.

As carteiras deverão ser individuais e não fixas no solo. Por vezes, poderão ser substituídas por mesas redondas. Em vez de uma grande lousa, seria conveniente que cada equipe dispusesse do seu próprio quadro-negro. O estrado em que tradicionalmente fica a mesa do professor talvez não exista, para que o professor não possua suporte físico para dar aulas expositivas. A mesa do professor talvez seja colocada num discreto canto da sala de aula, para que ele sinta que não é mais o ator principal da classe. Quaisquer ideias de simetria e ordem devem ser abolidas. Não é necessário que a sala de aula tenha uma boa acústica, para que o professor sinta certa dificuldade de ser ouvido. Assim, quando quiser algo da classe inteira, terá que reunir em sua mesa os chefes de equipe.

Na escola tradicional, a sala de aula, vista como quartel general da aprendizagem, deve ser adequada para servir aos objetivos escolares.

Ao menos essas duas realidades convivem hoje no Brasil, e é bom que você esteja preparado para enfrentá-las com ações de qualidade, o que dependerá em grande parte da relação que você manterá com seus futuros alunos.

A escola tem função própria enquanto instituição educacional, diferente da função que é própria, por exemplo, da família. Há conhecimentos, habilidades e atitudes a serem adquiridas, desenvolvidas e revistas, com tecnologia, espaço e condições apropriadas.

Cabe à escola promover e implementar tais conhecimentos; definir metas curriculares, um programa a ser cumprido, recursos necessários e compatíveis com os objetivos colocados à disposição, um sistema de avaliação que informe alunos, professores, pais e sociedade se os alunos estão se desenvolvendo. Na escola, a sala de aula é o lugar privilegiado para a aprendizagem, tornando o espaço escola um lugar de convivência humana e relações pedagógicas que devem ser organizadas como melhor forma de se ajustarem aos objetivos propostos para o processo instrucional.

Refletindo-se sobre o processo instrucional, pode-se destacar, segundo Haidt (2002), que

os procedimentos de ensino são as ações, processos ou comportamentos planejados pelo professor, para colocar o aluno em contato direto com as coisas, fatos ou fenômenos que lhe possibilitem modificar sua conduta, em função dos objetivos previstos.

Portanto, os procedimentos de ensino dizem respeito às formas de intervenção na sala de aula.

### **5 PLANEJAMENTO DA AÇÃO DIDÁTICA**

Uma certa confusão cerca o entendimento do conceito de planejamento, principalmente no que concerne à diferença entre "planejamento" e "plano". Por isso, de início, é importante apresentar claramente o conceito aqui adotado.

Entende-se por planejamento o "processo" mental que supõe análise, reflexão e previsão. Como processo, não é algo que acontece num dado momento, mas num período de tempo. Já o plano é um dos resultados possíveis do processo de planejamento. Os outros seriam os programas e os projetos. A relação entre eles é a seguinte:

- um programa pode ser composto por um conjunto de planos;
- um plano pode ser composto por um conjunto de projetos;
- um projeto é o produto de menor alcance entre os possíveis produtos do planejamento.

Planejar é extremamente importante e necessário em qualquer área da atividade humana, e na educação não é diferente. Alguns fatos justificam essa afirmativa. Por exemplo, planejar:

- Evita improvisação, e particularmente na educação, com toda a sua grandiosidade e importância, o imprevisto é uma catástrofe.
- Prevê e supera dificuldades, o que é bem melhor do que "apagar incêndios" com atitudes corretivas.
- Ajuda a cumprir os objetivos com:
  - economia de tempo;
  - eficiência e eficácia na ação.

Mas, o que seria um bom plano, resultado de um adequado processo de planejamento? Um bom plano apresenta, no mínimo, as seguintes características:

- coerência e unidade – conexão entre os objetivos e meios, de modo que os objetivos sejam alcançados;

Planejamento é o processo mental. Plano é o resultado, que pode ou não ser colocado no papel.

- continuidade e sequência - trabalho de forma integrada do começo ao fim, garantindo relação entre as várias atividades;
- flexibilidade - possibilidade de ajustar o plano, adaptando-o a situações não previstas. O plano deve atender os interesses e necessidades dos alunos e ao mesmo tempo atender os pontos essenciais a serem desenvolvidos;
- objetividade e funcionalidade - deve analisar as condições da realidade, adequando o plano às condições de sua realização, como tempo, recursos disponíveis, características dos alunos etc.;
- clareza e precisão - a linguagem utilizada deve ser simples e clara, com enunciados exatos e indicações precisas, pois o plano não pode ser passível de dupla interpretação.

## 5.1 Tipos de planejamento em educação

Em educação ocorrem vários níveis de planejamento, que variam em abrangência e complexidade. São eles:

- De sistema educacional - como o próprio nome sugere, é sistêmico, realizado em três níveis (nacional, estadual e municipal). Este nível de planejamento reflete a política de educação adotada no país.
- Da escola - deve ter caráter participativo, com professores, pais de alunos, alunos e funcionários participando da tomada de decisão. Em geral, o esquema de ação das escolas segue etapas, dentre as quais:
  - Sondagem (levantamento de dados e fatos importantes da realidade) e diagnóstico (análise e interpretação dos dados coletados) da realidade escolar.

- Definição dos objetivos e prioridades da escola.
- Proposição da organização geral da escola no que se refere a:
  - grade curricular e carga horária;
  - calendário escolar;
  - critérios de agrupamentos dos alunos;
  - definição do sistema de avaliação, contendo normas para adaptação, recuperação, reposição de aulas, compensação de ausências, promoção dos alunos;
  - plano de curso, contendo as programações das atividades curriculares;
  - elaboração do sistema disciplinar da escola;
  - atribuição de funções a todos os elementos que trabalham na escola.
- De currículo – previsão dos diversos componentes curriculares que serão desenvolvidos ao longo do curso. Deve seguir as diretrizes fixadas pelo Conselho Nacional de Educação (núcleo comum) e pelo Conselho Estadual de Educação (parte diversificada do currículo).
- Didático ou de Ensino – previsão das ações e procedimentos que o professor vai realizar junto a seus alunos, e a organização das atividades discentes e das experiências de aprendizagem. Em outras palavras, é a especificação e operacionalização do plano curricular. No aspecto didático, planejar é:
  - analisar as características (aspirações, necessidades e possibilidades) dos alunos;

- refletir sobre recursos disponíveis;
- definir objetivos educacionais adequados aos alunos;
- selecionar e estruturar conteúdos a serem assimilados;
- prever e organizar os procedimentos do professor;
- prever e escolher recursos didáticos adequados para estimular a participação dos alunos;
- prever procedimentos de avaliação condizentes com os objetivos propostos.

Existem três tipos de planejamento didático ou de ensino. São eles:

- *de curso*: previsão dos conhecimentos e atividades a serem desenvolvidos numa classe durante o período letivo;
- *de unidade*: reunião de várias aulas sobre assuntos correlatos;
- *de aula*: sequência de tudo o que vai ser desenvolvido em um dia letivo.

## 5.2 O plano de aula

Dentre os diferentes níveis de planejamento, o que se refere ao "plano de aula" é aquele mais próximo da sua futura atuação como professor, o que justifica uma aproximação maior ao conceito. O preparo e uso de um bom plano de aula seria o suficiente para revolucionar o ensino de muitos professores. Muitas vezes, nós professores vacilamos no ensino e erramos o alvo por não termos objetivo definido. O plano de aula simples, claro e bem elaborado pode nos ajudar muito no nosso dia a dia. Algumas das principais

O Plano de Aula é o mais afeito às atividades docentes em seu sentido estrito.

vantagens que o plano de aula traz para professores e alunos são:

- facilita o avanço da aula em direção ao alvo;
- proporciona economia e maior controle do tempo;
- lembra ao professor de elementos essenciais à aula (material necessário, tarefas, avisos, métodos etc.);
- organiza o tempo do professor e a aula, evitando imprevistos, contratempos e detalhes esquecidos;
- incentiva o preparo prévio da aula;
- preserva o procedimento e o conteúdo da aula em um arquivo para uso futuro;
- facilita a avaliação e eventual reformulação da aula.

Infelizmente, para a maioria dos professores, um plano de aula parece mais uma camisa de força do que o que ele realmente é: uma ferramenta que nos liberta para desenvolver nossa criatividade.

Na tentativa de espantar alguns fantasmas que pairam sobre o "temível" plano de aula, devemos nos lembrar de um princípio fundamental: "o plano de aula existe para o professor, e não o professor para o plano de aula!". Cada professor precisa de um plano, mas o plano é servo do mestre, e não o contrário. Por isso, é imprescindível que cada professor descubra como organizar e estruturar a aula conforme seu "gosto", personalidade e habilidades.

Sugerimos um pequeno formulário que inclui os elementos que a maioria dos professores precisa para preparar uma aula bem organizada.

Esboço de um plano de aula:

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

# Unidade I

Título da lição: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_.

Nome do professor: \_\_\_\_\_

**Objetivos:** no final dessa aula o aluno deverá ser capaz de...

Saber \_\_\_\_\_

Sentir \_\_\_\_\_

Fazer \_\_\_\_\_

**Material necessário:**

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Divisão da lição	Métodos didáticos	Duração
<b>Captação</b>		
Explicação		
Atividade (s) dos alunos		
Revisão / recapitulação		
Aplicação / desafio final		

**Tarefa:** \_\_\_\_\_

Avisos: \_\_\_\_\_

**Semana que vem:** \_\_\_\_\_

Avaliação / observações sobre a aula:

\_\_\_\_\_





- **Revisão / recapitulação** – muitas vezes a aula incluirá um resumo final ou alguma atividade de recapitulação da matéria, visando gravar a mensagem na mente e no coração dos alunos.
- **Aplicação / desafio final** – talvez haja um projeto específico no coração do professor ou dos alunos como resultado da lição. Deve ser anotado nesse espaço.
- **Tarefa** – aqui o professor deve anotar as eventuais tarefas a serem passadas aos alunos para que eles façam antes da próxima aula.
- **Avisos** – muitas vezes o professor precisa fazer lembretes sobre eventos sociais da classe, alunos doentes com necessidade de visitaçao, atividades discentes etc.
- **Semana que vem** – deve ser anotado aqui o assunto e quaisquer outros atrativos da próxima semana para criar expectativa nos alunos para a aula seguinte.
- **Avaliação / observações sobre a aula** – depois da aula, o professor deve anotar suas próprias observações sobre o que funcionou ou não, como melhorar a próxima aula etc. Depois, o plano de aula deve ser arquivado num lugar de fácil acesso, visando a uma futura ministração.

## 6 A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Como mencionado anteriormente, a aprendizagem é um processo contínuo e bilateral, aprende-se sempre e isso não é uma propriedade exclusiva do aluno: o professor também aprende.

O significado de ensinar nos leva a outros termos, como: fazer, saber, instruir, comunicar conhecimentos, mostrar, orientar, guiar, dirigir, desenvolver habilidades – que apontam

para o professor enquanto agente principal e responsável pelo ensino. Nesse sentido, o ensino centraliza-se no professor, em suas qualidades e habilidades.

Contudo, a aprendizagem deve ser significativa para o aluno, envolvendo-o como pessoa. Trata-se de um processo que deve levar o aluno a relacionar o que está aprendendo com conhecimentos e experiências que já possui e, assim, interagir e transferir o que aprendeu em situações concretas na sociedade em que vive.

A aprendizagem precisa ser acompanhada de um *feedback* imediato, ou seja, de um retorno que forneça dados ao aluno e ao professor para corrigir e levar adiante o processo. Segundo Haidt (2002), o processo de ensino-aprendizagem é uma atividade conjunta de professores e alunos, organizado sob a direção do professor, com a finalidade de prover as condições e meios pelos quais os alunos assimilam ativamente conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções.

Os alunos de escolas de educação básica, regra geral, encontram-se numa faixa etária na qual assimilam conhecimentos e desenvolvem hábitos e atitudes de convívio social, justamente por meio do convívio com pessoas.

É durante esse convívio que o domínio afetivo se une à esfera cognitiva e surge o aluno integral, como ele realmente é, agindo não somente com a razão, mas também com os sentimentos.

Não se pode esquecer a função educativa da interação humana, pois é convivendo com seus semelhantes que o ser humano é educado e se educa. Essa interatividade envolve, necessariamente, na escola, a relação entre professor e aluno. Nela, o professor tem basicamente duas funções, de acordo com Haidt (2002):

- **função incentivadora:** aproveitando a curiosidade natural do aluno para despertar seu interesse e mobilizar seus esquemas cognitivos;
- **função orientadora:** orientando os esforços do aluno para aprender, ajudando-o a construir seu conhecimento.

Na aprendizagem, o professor é, portanto, acima de tudo, um estimulador, orientador e facilitador. Seu papel será o de ajudar o aluno a aprender, criar as condições para que o aluno adquira informações e acima de tudo questione, não seja somente um receptor, mas seja capaz de discernir, questionar, pensar a sociedade e o mundo no qual ele esta inserido.

Futuramente caberá a você, como professor, ajudar seu aluno a transformar a curiosidade em esforço cognitivo e a passar de um conhecimento confuso a um saber organizado. Em outras palavras, caberá a você ser muito mais do que um professor: ser um educador. Como educador, caberá a você não apenas transmitir conhecimento, mas também facilitar a veiculação de ideias, valores e princípios de vida, contribuindo para a formação cidadã do seu futuro aluno.

## 6.1 A importância do diálogo

A construção do conhecimento é um processo interpessoal. O professor, de certa forma, aprende com seu aluno, à medida que consegue perceber como ele percebe e sente o mundo. Assim, o professor pode e deve rever comportamentos, ratificar ou retificar opiniões, desfazer preconceitos, mudar atitudes, alterar posturas. Devemos sempre nos lembrar deste princípio fundamental: a construção do conhecimento é um processo social, e não individual. Professor e aluno ensinam e aprendem um com o outro.

De nada adiantará a você, no futuro exercício da sua profissão, conhecer novos métodos e técnicas de ensino ou usar

recursos audiovisuais modernos, se encarar seu aluno como um ser passivo e receptivo. Sua forma de ensinar e de interagir com seus alunos dependerá do modo como você os conceberá (seres ativos ou passivos) e da maneira como verá a atuação deles no processo de aprendizagem.

### 6.2 A disciplina na sala de aula

Uma aula disciplinada é muito mais do que conservar a classe em ordem. O objetivo ao buscar disciplina deve ser o de desenvolver no aluno o autocontrole, o autorrespeito e o respeito pelas pessoas e coisas que o rodeiam. Se o professor não tem essas qualidades, é inútil tentar desenvolvê-las nos alunos, por isso é bom ir treinando-as desde já. A verdadeira disciplina não se origina de pressões, mas parte do íntimo do indivíduo. Há alguns processos que são costumeiramente utilizados para conseguir disciplina. São eles:

- **uso da força:** bastante utilizado antigamente, ainda é empregado por muitos professores. Nesse processo, são utilizados castigos e ameaças. As normas estabelecidas pelo professor devem ser seguidas sem questionamento. O aluno, regra geral, obedece aos regulamentos, segue as ordens, executa os deveres, sem qualquer interesse, apenas para livrar-se das punições e censuras;
- **chantagem afetiva:** consiste em cativar a amizade do aluno ou da classe para se alcançar disciplina. O aluno, então, fará tudo o que o professor desejar, por medo de perder sua amizade ou magoá-lo. Ao seguir as normas e os regulamentos, terá em mente agradar o professor;
- **uso da responsabilidade:** consiste em desenvolver a responsabilidade do aluno. Exige capacidade para acompanhar o seu amadurecimento, dando-lhe responsabilidades dentro dos limites de seu nível de maturidade e de inteligência. Consiste em criar oportunidades para a autodireção do aluno.

Disciplina de verdade só ocorre com o desenvolvimento da autodisciplina nos alunos.

Os três processos têm possibilidades de alcançar o alvo, mas o terceiro é, sem dúvida, o que deve ser priorizado.

Muitas vezes, no entanto, você, no exercício da profissão, será obrigado a recorrer aos outros dois, sem, contudo, jamais chegar ao extremo da força física.

Para desenvolver nos alunos a autodisciplina, alguns aspectos devem ser observados:

- **utilizar formas positivas de orientação:** evitar castigos que possam humilhar o aluno;
- **considerar cada incidente:** os alunos não devem ser punidos como exemplo para o grupo;
- **promover um clima de respeito e confiança:** sendo tratados com respeito e compreensão, os alunos aprendem a respeitar-se mutuamente. Por outro lado, pessoas continuamente cerceadas ou humilhadas facilmente aprendem a duvidar de si e dos outros;
- **ajudar os alunos a compreender a razão de ser das regras:** o aluno deve ser conduzido a compreender a necessidade da existência de regulamentos e, se possível, até ajudar na sua formulação;
- **ajudar os alunos a prever as consequências dos próprios atos:** em certos casos, porém, é melhor deixar que tenham suas experiências e delas tirem normas para o futuro;
- **procurar as causas da indisciplina de maneira objetiva e racional:** num ambiente autoritário, obtemos uma disciplina superficial, com a aplicação de regras coercitivas;
- **ajudar os alunos a compreender as causas do seu próprio comportamento e a desenvolver meios de solucionar seus conflitos:** em grande parte das vezes,

o problema é trazido de casa, e é preciso não coibir essa fonte de informações, reprimindo os alunos sob exigências de ordem, silêncio ou atenção. Pedir para os alunos se colocarem no lugar de outra pessoa, por exemplo, é um meio de ajudá-los a aprender que um problema tem muitos ângulos.

Sabemos que o relacionamento em sala de aula é bom quando vemos alunos alegres e seguros enquanto desenvolvem suas atividades de aprendizagem.

Como professor, sua influência será muito importante, e a criação de um clima psicológico que favoreça ou não a aprendizagem dependerá principalmente de você. Esse clima estará sujeito, em grande parte, ao tipo de liderança por você adotado (Piletti, 2010). Existem três tipos básicos:

- **Autoritária:** nela, tudo o que deve ser feito é determinado pelo líder. Ele não diz aos liderados quais os critérios de avaliação, e as notas não podem ser discutidas. Esse líder não participa das atividades da turma, apenas distribui as tarefas e dá as ordens. Como resultado, os alunos manifestam dois comportamentos típicos: apatia e agressividade.
- **Democrática:** nela, tudo o que for feito será objeto de decisão da turma. Todos são livres para trabalhar com os colegas que quiserem, e o líder discute com todos os elementos os critérios de avaliação, além de participar das atividades do grupo. Como resultado, os alunos mostram-se responsáveis e espontâneos no desenvolvimento de suas tarefas, e são menos frequentes os comportamentos agressivos.
- **Permissiva:** nela, o líder é passivo, dá liberdade completa ao grupo de indivíduos a fim de que eles determinem suas próprias atividades. Ele não se preocupa com qualquer avaliação sobre a atividade do

grupo e permanece alheio ao que está acontecendo. Como resultado, os alunos não chegam a se organizar como grupo, e se dedicam mais tempo às tarefas propostas na ausência do líder.

Pode-se concluir que o melhor tipo de liderança é a democrática. Há algumas dicas de atitudes e comportamentos que você deve adotar para desempenhar esse papel:

- tenha claro o objetivo a atingir em cada tarefa;
- comunique esse objetivo;
- faça da aula um desafio para seus alunos;
- sugira, em vez de impor;
- ouça as sugestões dos alunos e coloque-as em discussão;
- coloque-se diante deles como um orientador;
- faça os alunos trabalharem com você, e não para você;
- elogie tudo o que for elogiável e destaque os acertos;
- estimule as equipes a estabelecerem regras de trabalho;
- não fale muito, mas ouça muito;
- encerre as atividades com uma avaliação feita pelos próprios alunos.

Várias podem ser as causas da indisciplina de um aluno. Ele pode estar simplesmente nervoso, ou doente, com problema em casa, os pais podem ter discussões constantes, ele pode não estar dormindo o suficiente, nesse caso cabe ao professor tentar averiguar as causas. A falha pode ter sido da escola, sua (em sua atuação como professor), da técnica utilizada, ou pode mesmo estar em outro aluno.



## 7 TIPOS DE AULA E PROCEDIMENTOS DE ENSINO

Há vários tipos diferentes de aula, cada uma com suas qualidades e defeitos, mas que surtem efeitos positivos sempre que adequadas à realidade que o professor encontra na escola. De início, é interessante verificar o significado de alguns termos importantes para o assunto:

- **estratégia** – trata-se da descrição dos meios disponíveis para atingir objetivos;
- **método** – trata-se do caminho a seguir para alcançar um fim – roteiro geral;
- **técnica** – trata-se da operacionalização do método;
- **procedimento** – trata-se da descrição das atividades desenvolvidas por professor e alunos.

Existem alguns tipos mais conhecidos de métodos e técnicas. Dentre eles, destacam-se:

- **Tradicionais** – exigem um comportamento passivo do aluno e envolvem:
  - Aula expositiva - técnica mais tradicional de ensino, como a cópia, o ditado e a leitura, ainda é muito útil e necessária. Hoje, no entanto, só é viável quando o professor assume a posição de diálogo. A posição dogmática (a mensagem não pode ser contestada) não é mais aceita.
  - Perguntas e respostas - enriquecem a aula expositiva. O professor dirige perguntas aos alunos sobre o que estudaram ou sobre a sua experiência. O objetivo não é julgar ou atribuir notas, mas estimular a participação. Os alunos também podem perguntar e o professor

responder, com uma variação na qual quem não sabe interroga quem sabe. Torna a aula expositiva menos individualizada.

- **Novos ou ativos** – dão grande destaque à vida social do aluno como fator fundamental para o seu desenvolvimento intelectual e moral e envolvem os seguintes métodos e técnicas:

- Montessori – centrado no aluno, baseia-se nos princípios da liberdade, atividade, vitalidade e individualidade, que se resumem na autoeducação. Em um ambiente apropriado, as necessidades interiores dos alunos de cada grau de desenvolvimento os impulsionam a aprender. O professor deve ser substituído pelo material didático, que corrige a si mesmo e permite que o aluno eduque a si mesmo, o que deve ser recompensado com "parabéns" ou "muito bem".
- Centros de interesse – essa técnica leva em conta a evolução natural dos interesses do aluno. Inicialmente, uma criança só se interessa por si mesma, depois por sua família e sua casa, e finalmente progride para círculos de interesse cada vez mais amplos, até atingir os problemas da humanidade. Procura fazer com que o aluno se interesse agora por aquilo que ele vai necessitar mais tarde.
- Unidades didáticas – aqui o ensino é desenvolvido através de unidades amplas, significativas e coesas, superando as limitações do ensino através de informações isoladas e estanques (lições, pontos...). Tem como objetivo primordial a integração das diferentes matérias. Uma variante sua é o método das unidades de experiência.

As técnicas mais utilizadas são as tradicionais, basicamente a aula expositiva, eventualmente enriquecida com perguntas e respostas, mas há outras técnicas que podem ser utilizadas.

- Trabalho em grupo – oferece ao aluno a oportunidade de trocar ideias e opiniões, desenvolvendo a prática da convivência social. A formação dos grupos pode ser espontânea ou dirigida. O método visa completar e enriquecer conhecimentos, enriquecer experiências, atender diferenças individuais, treinar a capacidade de liderança e aceitação, e desenvolver o senso crítico, a criatividade e o espírito de cooperação.
- Solução de problemas – considera que ensinar é apresentar problemas e aprender a resolvê-los. O problema deve estimular o pensamento reflexivo na busca de uma solução satisfatória, uma vez que o hábito resolve situações rotineiras, já o pensamento reflexivo, as situações novas.
- Método de projetos – se propõe a transformar as atitudes dos alunos, convertendo-os em seres ativos que concebem, preparam e executam o próprio trabalho. A tarefa do professor é dirigi-los, sugerir-lhes ideias úteis e auxiliá-los quando necessário. Assemelha-se ao método de solução de problemas, mas é mais amplo, pois aquele possui um caráter intelectual e este envolve atividades manuais, estéticas, sociais e intelectuais. Todo projeto é um problema, mas nem todo problema é um projeto.
- Psicogenético – criado por Jean Piaget, biólogo e filósofo suíço, prega que o pensamento é a base em que se assenta a aprendizagem, a maneira da inteligência manifestar-se. Esta, por sua vez, é um fenômeno biológico sujeito à maturação do organismo, a novas estruturas mentais, e não ao aumento de conhecimentos. O desenvolvimento do pensamento da criança se realiza através de etapas: sensório-motor simbólico, intuitivo, operatório e operatório formal.

- Estudo dirigido – se fundamenta no princípio de que o professor não ensina, ajuda o aluno a aprender. Parte sempre da utilização de um texto, solicitando tarefas como sínteses, citação dos principais fatos, divisão dos textos em partes principais, extração das ideias principais, resumos etc.
- Fichas didáticas – consiste em colocar à disposição do aluno, na sala de aula, fichas necessárias ao estudo de um determinado conteúdo. Inclui fichas de noções (conceitos a serem ensinados), de exercício (questões sobre o conteúdo apresentado) e de correção (respostas correspondentes às questões apresentadas).
- Instrução programada – aqui o comportamento desejado é fixado pela recompensa. Enfatiza-se a importância de uma definição precisa do que o aluno deverá aprender e dos materiais a serem utilizados, para que o aluno aprenda exatamente o que se quer que ele aprenda. A matéria é desdobrada em pequenas informações e o seu acerto ou erro é conhecido imediatamente.

Você deve estar se perguntando: como decidir que método ou técnica utilizar?

A resposta é: depende dos seguintes fatores:

- dos objetivos educacionais;
- da experiência didática do professor;
- do tipo de aluno;
- das condições físicas da sala de aula;
- do tempo disponível;
- da estrutura do assunto e tipo de aprendizagem a ser desenvolvido.

## 7.1 Recursos didáticos

Recursos didáticos (ou de ensino) *são componentes do ambiente da aprendizagem que dão origem à estimulação para o aluno* (Gagné, R., 1971 apud Piletti, C. 2010). Tradicionalmente esses recursos são classificados da seguinte maneira:

- recursos visuais – projeções, cartazes, gravuras;
- recursos auditivos – rádio, gravações;
- recursos audiovisuais – cinema, televisão.

Nem essa, nem outra qualquer classificação é universalmente aceita. Todas são muito arbitrárias, pois sabemos que as expressões sonoras, verbais e visuais se complementam. Uma classificação que, apesar de muito ampla, se aproxima mais da realidade é a seguinte:

- recursos humanos – professor, aluno, pessoal escolar, comunidade;
- recursos materiais:
  - do ambiente natural – água, rocha etc.;
  - do ambiente escolar – lousa, giz, cartazes etc.;
  - da comunidade – bibliotecas, indústrias, lojas etc.

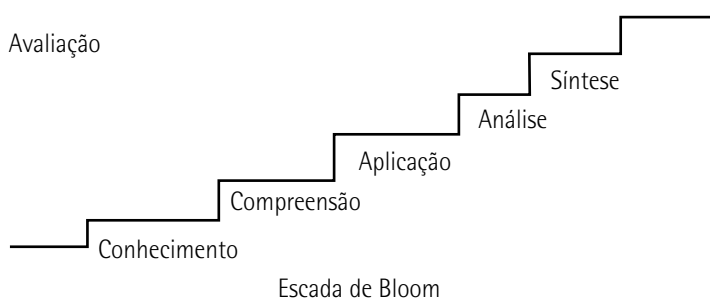
Essa classificação tem a vantagem de incluir os recursos da comunidade, o que contribui para diminuir a distância entre a escola e a realidade em que ela se insere.

O uso adequado dos recursos didáticos ajuda os professores a:

- motivar e despertar o interesse dos alunos;
- desenvolver a capacidade de observação nos alunos;
- aproximar o aluno da realidade;

- visualizar conteúdos da aprendizagem;
- facilitar a fixação da aprendizagem;
- ilustrar noções abstratas;
- desenvolver a experimentação concreta.

Com base no uso adequado de recursos e em reflexões sobre a forma de ensinar, o professor tem condição de aplicar uma avaliação mais justa a seus alunos. Um dos instrumentos mais didáticos de que os professores dispõem para essa finalidade é a chamada "Escada de Bloom".



Trata-se de degraus a serem alcançados de acordo com a aprendizagem. Cada degrau apresenta as seguintes características fundamentais:

- Conhecimento – é atingido quando o aluno passa a ter conhecimento de determinado assunto, ou seja, quando o assunto é apresentado a ele pela primeira vez. Neste nível, o máximo que o professor deve cobrar em termos de avaliação é que o aluno responda às questões com as palavras do autor ou do professor, quando for o caso, meramente repetindo-as.
- Compreensão - é atingida quando o professor trabalha por tempo suficiente para proporcionar entendimento real sobre o assunto. Neste nível, o professor poderá solicitar aos alunos que respondam aos questionamentos com suas próprias palavras.

- Aplicação – é atingida após o cumprimento das etapas anteriores e se caracteriza pela apresentação de uma situação problema e a requisição aos alunos que apliquem sua compreensão sobre o assunto para dar solução ao problema.
- Análise – é atingida quando os alunos são preparados suficientemente para desdobrar o assunto em partes e estudar cuidadosamente cada uma delas, de modo a proporcionar o entendimento detalhado.
- Síntese – é atingida quando o aluno está apto a sintetizar o conhecimento de modo a, após o entendimento de cada uma das partes que compõe o assunto, adquirir entendimento do todo.
- Avaliação – último estágio ou degrau, a ser atingido quando o aluno, após passar por todos os demais estágios, estiver apto a avaliar a importância do assunto para sua vida e para a sociedade. Só aqui ele poderá se pronunciar no sentido de dizer se o assunto é ou não importante, em sua opinião.

Os recursos audiovisuais têm sido mais utilizados do que nunca, graças aos avanços tecnológicos recentes da comunicação. Quanto à sua utilização em sala de aula, no entanto, cabem algumas considerações didáticas. O ser humano toma conhecimento do mundo exterior através dos cinco sentidos. Pesquisas revelam que aprendemos:

- 1% através do paladar;
- 1,5% através do tato;
- 3,5% através do olfato;
- 11% através da audição;
- 83% através da visão.

A Escada de Bloom ajuda o professor a planejar sua ação didática e promover uma avaliação mais justa da aprendizagem.

Daquilo que aprendemos, em média, conseguimos reter:

- 10% do que lemos;
- 20% do que ouvimos;
- 30% do que vemos;
- 50% do que vemos e ouvimos;
- 70% do que ouvimos e logo discutimos;
- 90% do que ouvimos e logo realizamos.

Esses dados nos permitem concluir que os cinco sentidos não têm a mesma importância para a aprendizagem. Notamos, também, que a percepção através de um sentido isolado é menos eficaz do que a percepção através de dois ou mais sentidos conjugados. Por isso, sugerimos a você, na sua atuação profissional futura, que procure utilizar simultaneamente recursos orais e visuais. O quadro 1, a seguir, ajuda a reforçar essa ideia.

Quadro 1 – Fixação da aprendizagem

Método aplicado	Retido após 3 horas	Retido após 3 dias
Somente oral	70%	10%
Somente visual	72%	20%
Visual e oral simultaneamente	85%	65%

Deve-se levar em consideração que a maior parte das escolas do país, principalmente as públicas, não dispõe de recursos financeiros e materiais necessários para a utilização de recursos de ponta, bem como de pessoal treinado. Desse modo, os recursos mais conhecidos, passíveis de utilização são:

- lousa;
- gravuras;
- cartazes;



- murais didáticos;
- álbuns seriados ou *flip charts*;
- exposições de materiais;
- mapas e gráficos.

O uso adequado de cada recurso é fundamental para a sua eficácia. Há vasta bibliografia que aponta como utilizá-los. Recomendamos a leitura, por exemplo, de livros da série Educação da Editora Ática, como *Didática geral*, de Claudino Piletti e *Curso de didática geral*, de Regina Célia Casaux Haidt que, inclusive, serviram de base para a elaboração deste livro-texto.

### 7.2 As novas tecnologias da educação e o papel do professor na sociedade digital

Você, futuro professor, deve estar preparado para interagir com uma geração mais atualizada e mais informada, até porque os modernos meios de comunicação, liderados pela internet, permitem o acesso instantâneo à informação e os alunos têm mais facilidade para buscar conhecimento por meio da tecnologia colocada à sua disposição. Além disso, existe uma tendência cada vez maior de abertura de cursos à distância, voltados à educação básica.

Nesta nova realidade, os procedimentos didáticos devem privilegiar a construção coletiva dos conhecimentos, mediada pela tecnologia, na qual o professor é um coadjuvante que intermedeia e orienta essa construção e faz uso dessas ferramentas.

O uso dos recursos da informática têm o potencial de levá-lo, como educador, a ter muito mais oportunidade de compreender os processos mentais, os conceitos e as estratégias utilizadas pelo aluno e, com esse conhecimento,

mediar e contribuir de maneira mais efetiva nesse processo de ensino-aprendizagem.<sup>2</sup>

O professor, pesquisando junto com os educandos, problematiza e desafia-os, pelo uso da tecnologia, à qual os jovens modernos estão mais habituados, surgindo mais facilmente à interatividade.

Não se trata, porém, de substituir o livro pelo texto tecnológico, a fala do docente e os recursos tradicionais pelo fascínio das novas tecnologias. Não se pode esquecer que o mais poderoso e autêntico "recurso" da aprendizagem continua sendo o professor. Contudo vale realmente frisar a importância da interação, a atuação participativa que é necessária em qualquer tipo de aula com ou sem tecnologia. Nesse contexto, é necessário refletir sobre o papel/competências do professor, nesse processo de mediar a interação, utilizando recursos tecnológicos de maneira criativa, na busca da construção do conhecimento.

Segundo Elaine Turk Faria<sup>3</sup>, os recursos tecnológicos facilitam a passagem do modelo mecanicista para uma educação sócio-interacionista, ainda que a realização de um novo paradigma educacional dependa do projeto político-pedagógico da instituição escolar, da maneira como o professor sente a necessidade dessa mudança e da forma como prepara o ambiente da aula. É importante criar um ambiente de ensino e aprendizagem instigante, que proporcione oportunidades para que seus alunos pesquisem e participem na comunidade, com autonomia.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <[http://aprendentes.pbworks.com/f/prof\\_e\\_a\\_tecnol\\_5%255B1%255D.pdf](http://aprendentes.pbworks.com/f/prof_e_a_tecnol_5%255B1%255D.pdf)>

<sup>3</sup> Possui graduação em Pedagogia e em Supervisão Escolar pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, mestrado em Educação e doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Atualmente é professora titular da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e assessora na PUCRS VIRTUAL. Tem experiência e pesquisas na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: formação continuada, avaliação educacional, educação à distância, legislação educacional, ambientes virtuais e tecnologia educacional.

Muitos são os tipos de aplicativos que o professor pode escolher, dependendo dos objetivos da disciplina, conteúdo, características dos educandos e proposta pedagógica da escola.

Iolanda Cortelazzo<sup>4</sup> (1999, p.22-23) apresenta uma classificação de *softwares* em:

- *software* de informação (que só transmite a informação);
- tutorial (aquele que ensina procedimentos);
- tutorial de exercícios e prática;
- jogos educacionais;
- simulação (aqueles que propõem estudo de caso que simulam situações da vida real);
- utilitários (que executam tarefas predeterminadas);
- *software* de autoria (que apresentam programas específicos);
- aplicativos (que realizam uma tarefa com diversas operações).

Na verdade é grande a lista de *softwares* e mídias que são simples exercícios de memória ou que auxiliam na construção contínua do sujeito individual e coletivo, mas, sobretudo, colaborativo, solidário e humano; e com a contínua inovação tecnológica, muito ainda está por ser apresentado ao professor.

Neste momento, o que importa perceber é que planejar uma aula com recursos tecnológicos exige um preparo do ambiente, além da infraestrutura necessária e um preparo pessoal do professor, que deve ser constante.

---

<sup>4</sup>Doutora em Educação na área de Didática pela Faculdade de Educação da USP, mestre em Educação - FEUSP; coordenadora pedagógica de EAD da Faculdade Internacional de Curitiba FACINTER; Consultora em Comunicação, Educação e Tecnologia (Internet em Educação, Educação a Distância) e atualmente professora colaboradora do programa de mestrado em Educação da pós-graduação da Universidade Tuiuti do Paraná.

## 7.3 Temas transversais

O Ministério da Educação vem desenvolvendo, desde 1995, debate sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, uma proposta de conteúdos que orientam a estrutura curricular do nosso sistema educacional. Neles, incluem-se um núcleo de temas sob a denominação de "Convívio Social e Ética".

Segundo uma importante linha de pensamento na área da educação, temas como ética, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde e orientação sexual, devem ser trabalhados transversalmente aos conteúdos tradicionais nas escolas de ensino fundamental e médio, o que está, inclusive, em conformidade com um documento elaborado pelo Ministério da Educação, dando-lhes uma nova organização na estrutura do sistema educacional.

A origem dos temas transversais está em questionamentos realizados por grupos de vários países sobre o papel da escola na sociedade globalizada e sobre que conteúdos devem ser abordados nessa escola. A atual estrutura curricular das escolas, no Brasil e em grande parte do ocidente, tem sua origem na cultura grega clássica, incorporada pelos dominadores romanos e espalhada como valor hegemônico pelo mundo. O contexto dos pensadores clássicos gregos era de desenvolvimento cultural e intelectual, mas altamente elitista. Não havia preocupação com o cotidiano das pessoas nem com o trabalho manual, de responsabilidade das mulheres e escravos.

Tais valores prevalecem na sociedade ocidental até hoje, representados na estrutura curricular das escolas. Têm origem numa concepção de mundo elitista, que limita o exercício intelectual a uma minoria de cidadãos em detrimento de um universo mais amplo de conhecimentos que, se explorados pelo intelecto humano, poderiam propiciar um desenvolvimento mais próximo dos interesses cotidianos da sociedade.

Temas transversais são, na opinião de alguns estudiosos, mais importantes de serem estudados nas escolas do que as disciplinas tradicionais. Inseri-los no ensino é uma prática interessante.

Algumas das principais consequências desse modelo elitista são os destacados desenvolvimentos intelectuais e tecnológicos da sociedade, mas que parcela da população tem acesso e usufrui de fato dessas conquistas?

No final do milênio, grupos sociais politicamente organizados desenvolveram projetos educacionais e pressionaram alguns estados para incluir, na estrutura curricular, temas que abordassem conteúdos mais vinculados ao cotidiano da maioria da população. Basicamente, apresentavam duas propostas:

- Proposta 1 – preservar os conteúdos curriculares tradicionais e inserir transversalmente os temas: saúde, ética, meio ambiente, respeito às diferenças, direitos do consumidor, igualdade de oportunidades, educação de sentimentos; que seriam trabalhados de 3 formas possíveis:
  - Relação intrínseca – segundo esse entendimento, não tem sentido existirem distinções entre conteúdos tradicionais e transversais. O professor deve trabalhar a matemática, por exemplo, junto com democracia, cidadania etc.
  - Relação pontual – deve funcionar através de módulos ou projetos específicos vinculados aos temas transversais, que seriam inseridos nas aulas em determinados momentos do curso. Prioriza os conteúdos tradicionais, mas abre espaço a outros conteúdos.
  - Relação Interdisciplinar – segundo esse entendimento, o professor deve integrar o conteúdo específico da área de conhecimento não só com os temas transversais, mas também com os conteúdos das demais áreas.

As três formas preservam as disciplinas curriculares tradicionais, cabendo aos temas transversais girar em torno desse eixo ou impregná-lo; portanto, inserem-se no contexto de uma só proposta.

- Proposta 2 - os temas transversais (centro das preocupações sociais) ocupam o eixo longitudinal. As disciplinas tradicionais não são mais fins em si mesmas, mas meios para atingir fins mais de acordo com os anseios e necessidades da população.

Essas concepções são estrangeiras (principalmente da Espanha). Neste curso, entende-se que o Brasil precisa incluir os temas transversais em sua estrutura curricular de acordo com caminhos metodológicos próprios, respeitando a realidade cultural e social diferenciada entre as regiões.

## 8 AVALIAÇÃO

A avaliação tem passado, ao longo dos anos, por sucessivas transformações. Mesmo assim, o processo avaliativo continua tendo sua complexidade no contexto educacional.

O processo de ensino e aprendizagem requer momentos de reflexão, parada e retomada das atividades. Essas "paradas" possibilitam um espaço para que os alunos, individualmente ou em grupos, possam utilizar o conjunto de conhecimentos apreendidos para criar, questionar, sugerir, procurar novas formas de aplicar o saber, enfim, mostrar as transformações que o novo saber lhes proporcionou. Durante todo o processo, a avaliação deve estar presente, formulando juízos sobre os diferentes elementos que configuram o caminho da atividade pedagógica. Assim, devem ser avaliados não só os alunos, mas o professor, o cotidiano desenvolvido, os recursos utilizados, os objetivos e a metodologia, bem como outros elementos. <sup>5</sup>

Luckesi (2005), define avaliação como:

o ato crítico que nos subsidia na verificação de como estamos construindo o nosso projeto educacional. A avaliação da aprendizagem é como um ato amoroso, no

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.faculdadeexpoente.edu.br/upload/noticiasarquivos/1204057841.pdf>>.

sentido de que a avaliação, por si, é um ato acolhedor, integrativo, inclusivo. É necessário distinguir avaliação de julgamento. O julgamento é um ato que distingue o certo do errado, incluindo o primeiro e excluindo o segundo. A avaliação tem por base acolher uma situação, para (e só então) ajuizar a sua qualidade, tendo em vista dar-lhe suporte de mudança, se necessário. A avaliação, como ato diagnóstico, tem por objetivo a inclusão e não a exclusão; a inclusão e não a seleção (que obrigatoriamente conduz à exclusão). O diagnóstico tem por objetivo aquilatar coisas, atos, situações, pessoas, tendo em vista tomar decisões no sentido de criar condições para a obtenção de uma maior satisfação daquilo que se esteja buscando ou construindo.

Para Piletti (2010), a avaliação é

um processo contínuo de pesquisas que visa interpretar os conhecimentos, habilidades e atitudes dos alunos, tendo em vista mudanças esperadas no comportamento, propostas nos objetivos, a fim de que haja condições de decidir sobre alternativas do planejamento do trabalho do professor e da escola como um todo.

Já para Haidt (2002), a avaliação

é um processo de coleta e análise de dados, tendo em vista verificar se os objetivos propostos foram atingidos. No âmbito escolar, a avaliação se realiza em vários níveis: do processo ensino-aprendizagem, do currículo, do funcionamento da escola como um todo.

É comum entender a avaliação como o resultado de testes, provas, trabalhos ou pesquisas que são dadas ao aluno e aos

quais se atribui uma nota ou conceito e neste caso, esta aprova ou reprova.

Ao elaborar os instrumentos de avaliação, o professor necessita de uma reflexão sobre os objetivos propostos em seu planejamento, para garantir de fato a verificação da aprendizagem. Piletti (2010) estabelece princípios básicos de avaliação que o professor precisa ter claros ao aplicar um instrumento de avaliação, como:

- Estabelecer com clareza o que vai ser avaliado, avaliar o aproveitamento, a inteligência, o desenvolvimento socioemocional, as competências e habilidades necessárias para a assimilação dos conteúdos.
- Selecionar instrumentos adequados para avaliar o que se pretende avaliar.
- Utilizar, na avaliação, uma variedade de instrumentos para se ter um quadro mais completo do desenvolvimento do aluno (quantitativo e qualitativo).
- Ter consciência de possibilidades e limitações dos instrumentos de avaliação.
- A avaliação é um meio para alcançar fins e não um fim em si mesma.

O professor, ao elaborar um instrumento de avaliação, deve ter consciência do que de fato quer avaliar, quais os objetivos que quer atingir com a avaliação.

## 8.1 Técnicas e instrumentos de avaliação da aprendizagem

A avaliação é a fase final de um processo de coleta, análise e interpretação de dados. Os recursos que são utilizados para isso denominam-se "instrumentos de avaliação".



Segundo Haidt (2002), para avaliar o aproveitamento dos alunos existem três técnicas básicas e uma grande variedade de instrumentos de avaliação, que podem ser sintetizados do seguinte modo:

Técnicas	Instrumentos	Objetivos básicos
Observação – é a técnica mais comum, e nela que o professor avalia não apenas a aquisição de conhecimentos, mas também verifica hábitos e habilidades do convívio social.	Registro da observação: <ul style="list-style-type: none"><li>• Fichas.</li><li>• Caderno.</li></ul>	Verificar o desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicossocial do educando, em decorrência das experiências vivenciadas.
Autoavaliação – é a apreciação feita pelo próprio aluno no processo vivenciado e dos resultados obtidos.	Registro da autoavaliação	
Aplicação de Provas: <ul style="list-style-type: none"><li>• Arguição.</li><li>• Dissertação.</li><li>• Testes.</li></ul>	Prova oral Prova Escrita <ul style="list-style-type: none"><li>• Dissertativa.</li><li>• Objetiva.</li></ul>	Determinar o aproveitamento cognitivo do aluno, em decorrência da aprendizagem.

A seleção das técnicas e instrumentos de avaliação deve ser realizada durante o processo de planejamento pedagógico e deve considerar os seguintes aspectos:

- objetivos direcionados para o ensino-aprendizagem;
- a natureza do componente curricular;
- métodos e procedimentos usados no ensino;
- número de alunos;
- tempo do professor;

A avaliação do processo de ensino e aprendizagem requer que o aluno não só adquira os conhecimentos necessários para viver em sociedade, mas avalie as habilidades e competências

exigidas para tal. Nessa perspectiva, a avaliação deve estar a serviço da aprendizagem, em favor do aluno, em favor de uma formação básica que possibilite competências técnicas, humanas e sociais.

Os modelos pedagógicos historicamente retratam o contexto da sociedade. Entretanto, não existe uma metodologia consensual. Uma concepção filosófica da educação, regra geral, não nega a anterior. Ela se adapta e inova a cada momento. O fundamental é que a análise do conteúdo pelo aluno possa passar de uma apropriação apenas reprodutiva para uma apropriação transformadora. (BOLZAN, 1998)

O ato de avaliar está presente em todos os momentos da vida humana, seja na alfabetização ou na graduação, e se reflete pela unidade imediata do pensamento e da ação.

### Referências bibliográficas

ARAÚJO, U. F. de A. *Temas transversais em educação – bases para uma formação integral*. São Paulo: Ática, 1998.

BOLZAN, Regina de F. F. de A. *O conhecimento tecnológico e o paradigma educacional*. Março, 1998. Dissertação, UFSC, Florianópolis. Disponível em: <<http://www.eps.ufsc.br/disserta98/regina/cap2.htm>>.

Haidt, R.C.C. *Curso de didática geral*. 7 ed. São Paulo: Ática, 2002.

LIBÂNEO, J. C. *Didática*. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LUCKESI, C. C. *Avaliação da aprendizagem escolar*. 16 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MERK, D. FRANÇA, P. *101 Ideias criativas para professores*. São Paulo: Hagnos, 2002.

MASETTO, Marcos. *Didática: a aula como centro*. 4 ed. São Paulo: FTD, 1997. (Coleção aprender a ensinar).

MORAN, José. *Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas*. In: MORAN, J. MASETTO, M. e BEHRENS, M. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 13 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

PILETTI, C. *Didática geral*. 24 ed. São Paulo: Ática, 2010.

Lined writing area consisting of multiple horizontal lines for text entry.